

## SOBRE O ESTILO EPISTOLAR E AFORISMÁTICO DE EPICURO

MARKUS FIGUEIRA DA SILVA

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

*“São as mais aprovadas sentenças que a experiência achou as experiências humanas, ditas em breves e elegantes palavras” (Padre Antônio Delicado)<sup>1</sup>.*

*“Parece-me, Sancho, que não há ríção que não seja verdadeiro, porque todos eles contêm sentenças consagradas pela experiência, mãe de todo saber.” (Miguel de Cervantes, Dom Quixote).*

Tenho como propósito, neste pequeno texto, analisar as *Cartas*, as *Máximas* e as *Sentenças* de Epicuro levando em consideração o seu estilo gráfico. Buscarei expor o interesse e a justificativa de Epicuro em escrever epítomes, isto é, um conjunto dos “princípios mais importantes” (*epitomên tês hóles pragmateías eis tò kataskheîn*)<sup>2</sup> do seu pensamento, que favoreça os destinatários das cartas “terem na memória os elementos fundamentais de todo o sistema” (*tên holoskberotáton ge doxôn tèn mnémén hikanôs autòs pareskeúasa*)<sup>3</sup>, pois segundo a sua compreensão, necessitamos frequentemente de “uma visão de conjunto” (*tên bólon epiblépsei*). Acredito que esta tenha sido também a razão pela qual escreveu aforismos, agrupados num conjunto de máximas e sentenças, curtas, de fácil memorização, que pudessem ser retidas e citadas sempre que a ocasião demandasse o uso dessas expressões. Segundo Diógenes Laércio, “Epicuro designa as coisas com estilo apropriado, porém individualíssimo, como assinala o gramático Aristófanes. Foi um escritor a tal ponto lúcido que em sua *Retórica* exigia a clareza do estilo como requisito fundamental”<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Citado por Câmara Cascudo no *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

<sup>2</sup> DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, 35. Daqui por diante, designado por D. L. Tradução utilizada: LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1989.

<sup>3</sup> D. L., X, 35.

<sup>4</sup> D. L., X, 13.

A análise que procederei se concentrará sobre alguns pontos que considero ser de fundamental importância para o esclarecimento deste tema, a saber: sobre o uso da memória; sobre a clareza (e certa “objetividade”) do estilo; as *Cartas* como demonstração de afeto/amizade; as *Cartas* como orientação paidêutica; as *Máximas* e as *Sentenças* como formas concisas de divulgação da sua filosofia, onde destaco a proposta epicúrea de um pensamento elementar (*stoikheíon*) ou corpuscular, para o qual cabe no meu entender a metáfora “atomização do pensamento”.

### 1 - Sobre o uso da memória

Nos textos remanescentes de Epicuro identificamos onze ocorrências de termos relacionados à memória (*mnémē*), que evidenciam a importância dada pelo filósofo aos exercícios de memorização. Exemplo disso é o início da *Carta a Heródoto*, onde podemos ler:

*Para os incapazes de estudar acuradamente cada um dos meus escritos sobre a natureza, Heródoto, ou de percorrer detidamente os tratados mais longos, preparei uma epítome de todo o meu sistema, a fim de que possam conservar bem gravado na memória o essencial dos princípios mais importantes e estejam em condições de sustentá-los em quaisquer circunstâncias, desde que se dediquem ao estudo da natureza. Aqueles que progredirem suficientemente na contemplação do universo devem ter na memória os elementos fundamentais de todo o sistema, pois necessitamos frequentemente de uma visão de conjunto, embora não aconteça o mesmo com os detalhes.*<sup>5</sup>

Nessa passagem, Epicuro utiliza duas vezes a noção de memória: a primeira quando sugere que os discípulos recém-iniciados no estudo da *phýsis* devem gravar na memória (*en tē(i) mnémē(i)*) o essencial dos princípios da *physiología*; a segunda, quando adverte que eles devem estar sempre prontos para expor uma visão de conjunto (*athróas epibólēs*) de toda a *physiología* e para isso devem guardar na memória (*mnemoneúein*) o sistema.

Na passagem seguinte (36) ele utiliza duas vezes o termo memória para enfatizar que os recursos mnemônicos devem ser utilizados a todo o momento para evitar as crenças e as opiniões vazias (*kenai dóxai*), uma vez que quando fixadas na memória as explicações acerca da natureza das coisas,

<sup>5</sup> D. L., X, 35.

a conduta do sábio jamais será perturbada por imagens discursivas fantasiosas, imaginativas, que apontem para causas sobrenaturais. É necessário lembrarmos sempre que o propósito da filosofia de Epicuro é o exercício da vida feliz (*makaríōs zēn*) e que, como escreveu Jean Salem, “o caminho que conduz à felicidade leva em conta o aniquilamento das perturbações causadas em nós pelas opiniões vazias, o que só é possível quando há a memorização dos princípios da *physiología*”<sup>6</sup>.

Antes de instalar-se em Atenas, Epicuro viveu alguns anos em Mitilene e Lâmpsaco<sup>7</sup>, onde começou a desenvolver o seu pensamento e a fazer amigos que mais tarde o acompanhariam no seu retorno a Atenas e outros que ficariam nessas cidades. Com estes Epicuro manteve uma amizade filosófica através das epítomes, que eram lidas em conjunto por seus discípulos e cujas proposições eram escritas num estilo de fácil memorização. Mesmo no Jardim, Epicuro exortava os seus alunos a praticarem exercícios de memorização das proposições que eram escritas e ordenadas para esta finalidade. Há notícias de que Epicuro mantinha uma espécie de casa editorial, onde eram produzidos os textos que serviram a uma ampla divulgação do seu pensamento. Estima-se que por volta do século II d. C. havia 250 escolas epicuristas espalhadas por todo império romano, o que motivou a perseguição ideológica dos cristãos. O modelo epistolar desenvolvido por Epicuro propiciou tamanha divulgação do seu pensamento.

Na *Carta a Pítocles*, que trata dos *meteoros*, ou fenômenos celestes, Epicuro faz uma exposição concisa e recapitulativa com a intenção de levar os alunos a se lembrar facilmente das proposições, ou como traduziu Maurice Solovine, “Pítocles é convidado a ter presente na memória esta exposição” (*dià mnēmes ékēhon*)<sup>8</sup>. Ainda nesta carta, Epicuro expõe a Pítocles que o mais importante é “ter sempre na memória o método das explicações múltiplas” (*toū pleonakhoū trōpou aèi mnēmen ékhe(i)*).<sup>9</sup> Este método mostra que diante das dificuldades de explicar diversos fenômenos celestes, por não possuírem instrumentos adequados à observação desses fenômenos, Epicuro propunha mais de uma explicação para um mesmo fenômeno; desde

<sup>6</sup> SALEM, J. *Épicure, Lettres*. Paris: Férdinan Nathan, 1982. p. 40.

<sup>7</sup> D. L., X, 15.

<sup>8</sup> D. L., X, 85.

<sup>9</sup> D. L., X, 95.

que não pudessem ser refutadas, isso as tornaria provisoriamente válidas, até que se chegasse a uma explicação definitiva, o que muitas vezes não acontecia. O que importava para Epicuro – e era isso que ele enfatizava para os seus alunos – é a convicção de que é possível uma explicação *fisiológica* e por isso não haveria necessidade de se recorrer aos *mýthoi*, ou a qualquer poder ou força sobrenatural.

Na mais famosa e mais estudada das três cartas publicadas por Diógenes Laércio, a *Carta a Menecen*, Epicuro promete logo no início um compêndio dos elementos do bem viver (*stoikheía toú kalós zēn*). Trata-se de uma epítome ética, cujos preceitos seriam também mais facilmente memorizados pelo destinatário e depois expostos por este aos demais alunos. Neste sentido, Epicuro investe numa concepção de ensino que convida os alunos a se habituarem a refletir sempre sobre o fato de que o que causa temor em nós é efeito da ignorância (*hamartía*) em relação aos fenômenos naturais. A *physiología* deve ser entendida como um conjunto de conhecimentos utilizados na vida prática para afastar as falsas crenças e os temores que delas resultam. Assim, pode-se dizer que para os Epicuristas é pela rememoração das explicações acerca da natureza que podemos alcançar e manter a imperturbabilidade (*ataraxía*), essencial para que a vida seja serena e agradável. A um só tempo a filosofia é um exercício de compreensão da *phýsis* (*physiología*) e uma prática (ética) de vida constante guiada por estes ensinamentos.

O estilo epicurista de utilização da memória para reter fórmulas concisas de conhecimento foi retomado por outros pensadores helenistas, como Cícero<sup>10</sup>, que disse o seguinte: “em relação às dores, uma alma forte deve estar preparada para lembrar que as mais fortes são geralmente mais breves e as mais longas de algum modo mais suportáveis”. Uma citação de Epicuro que mais tarde saberíamos ser dele pela descoberta do manuscrito 1950, conhecido como *Sentenças Vaticanas*. Também Diógenes de Enoanda mandou gravar nos muros da sua cidade o *Tetraphármakon* para que os viajantes pudessem ler e se lembrarem dos ensinamentos de Epicuro presentes na *Carta a Menecen*, nas *Máximas* e nas *Sentenças*. Filodemo de Gadara, responsável pela Biblioteca epicurista de Herculano, teceu comentários a uma expressiva passagem do livro XXVIII do *Peri Phýseos* de Epicuro, obra

<sup>10</sup> CÍCERO. *De Finibus*, I, XV, 49.

que foi carbonizada e da qual alguns fragmentos foram recuperados pelos diligentes estudiosos do Centro de Pesquisa Epicurista de Nápoles, na qual está dito: “quanto a vós, marquem dez mil vezes em vossa memória o que eu e Metrodoro acabamos de dizer”.<sup>11</sup> Da mesma maneira Lucrécio, em seu procedimento pedagógico, fazia questão que seus alunos o compreendessem ao escutá-lo e procurassem reter na memória os seus ensinamentos.<sup>12</sup>

Nota-se claramente o interesse de Epicuro na conservação e divulgação do seu pensamento, bem como na facilitação do aprendizado das noções fundamentais pelos seus alunos e pelas gerações vindouras. Do meu ponto de vista, Epicuro trabalhou intencionalmente o seu estilo de escrita, buscando aproximar o seu pensamento do exercício prático da vida, através de uma linguagem simples, até onde foi possível simplificá-la.

## 2 - *Sobre a clareza* (Ἡ σαφήνεια)

Como disse anteriormente, segundo Diógenes Laércio, Epicuro teria dito numa obra intitulada *Retórica*, que exigia a clareza (*ἡ σαφήνεια*) do estilo de escrita como requisito fundamental. Acredito que esta exigência visava evitar, por um lado, a ambiguidade de sentido que algumas palavras podem apresentar e, por outro, a facilitação do aprendizado, através da retenção dos ensinamentos na memória. O interesse de Epicuro era tornar a linguagem direta e clara, sem recurso a metáforas difíceis e sem apelar à polissemia dessas palavras. No passo 34 do Livro X da sua obra, Diógenes Laércio disse que para Epicuro “há duas espécies de investigação: uma relativa às coisas e outra relativa às simples palavras” (*τὴν τε ζητέσειν εἶναι τὰς μὲν περὶ τὸν πραγμάτων, τὰς δὲ περὶ ψιλῶν τῶν φωνῶν*). Todo este cuidado com o uso das palavras aponta para uma necessidade de compreensão da sua filosofia, ao mesmo tempo em que torna mais fácil a memorização do que foi dito.

Do ponto de vista de uma filosofia da linguagem, Epicuro sugere que as palavras devem ser fiéis às próprias coisas, “para não ter de continuar explicando tudo até o infinito, ou então usar palavras destituídas de sentido” (*καὶ μὲ ἀκριτὰ πάντα ἡμῖν <ίε(ι)> εἰς ἀπειρον ἀποδεικνύουσιν ἔ κενούσ φητόνους*

<sup>11</sup> SEDLEY, D. Epicurus, On Nature, book XXVIII, frag. 13. *Cronache Ercolanesi*, Napoli, v. 3, p. 5-83, 1973.

<sup>12</sup> ERNOUT, A. *Lucrèce*. Paris: P. U. F., 1947, p. 99.

*ékhoimen*)<sup>13</sup>. Tudo isso para obter uma visão de conjunto, ou uma visão unitária e sintética da *phýsis*. Muitos problemas podem ser levantados em relação à possibilidade de a linguagem dizer fidedignamente a realidade das coisas e da *phýsis* como um todo, entretanto parece-me que o que Epicuro quer é evitar que se caia numa discussão sem fim acerca do que pode ser compreendido dentro dos limites do uso da linguagem. Trata-se, portanto, de não se impacientar diante da complexidade da *phýsis* e de fazer uso da linguagem com simplicidade, pois se percebe de antemão a insuficiência das explicações, que não se pretendem exatas, por serem apenas aproximativas.

Como disse anteriormente, outro aspecto da linguagem utilizada nas *Cartas*, *Máximas* e *Sentenças* de Epicuro é o alcance visado pelo filósofo. Por um lado, a divulgação do seu pensamento, pois a clareza da expressão e o sentido da *pragmateía* como um saber que enseja um modo de vida propõe um redimensionamento das relações humanas a partir da compreensão dos conceitos que alicerçam a ética epicurista, tais como a amizade (*phília*), a sensatez (*phrónesis*), o cálculo (*logismós*), a conveniência mútua (*ophéleia*), a imperturbabilidade da alma (*ataraxía*), ter o princípio da ação em si mesmo (*autárkeia*) etc. Por outro lado, o fortalecimento das relações interpessoais entre os *phíloí*, por intermédio das cartas, que orientam, esclarecem, ensinam a concisão do pensamento e, sobretudo, a confiança e o afeto que elas transmitem. A comunidade (*koínonía*) de amigos (*phíloí*) epicurista se tornou possível graças à *Phília* entendida com o princípio de movimento e de ação. Tanto as *Cartas*, quanto as *Máximas* e *Sentenças* evidenciam a *Phília* como noção basilar da vida como exercício (*áskeísis*) e da filosofia como saber em torno da vida (*tékhne perì tís tôn bíon*).

Assim, Epicuro trabalhou o seu modo/estilo de expor as suas ideias, buscando uma maneira clara de afetar o público ao qual se dirigia.

### 2.1 – Breve análise da epistolografia epicurista

A epístola é um gênero que assume um significado específico: não é tratado; não é diálogo (no sentido dos diálogos de Platão); não é também uma exposição científica, complexa e difícil. Para Epicuro, a carta tem outra função e a sua linguagem, uma particularidade, algo próprio da sua maneira

<sup>13</sup> D. L., X, 37.

de pensar. Sobretudo no início do século III a. C., época em que Epicuro escreveu o seu epistolário, a carta tem a finalidade de imediata divulgação do pensamento, que confia no seu propósito de pensar a natureza, seus fenômenos, bem como a vida prática e visa influenciar diretamente o modo de ser, pensar e agir daqueles que a estudam.

Não se pode esquecer que Epicuro produziu uma obra vasta (com cerca de trezentos volumes, segundo Diógenes Laércio) e, segundo o mesmo Diógenes, nos diversos volumes ele aprofundou cada item da sabedoria capsular que foi conservada nas cartas, máximas e sentenças. Na ausência dos textos extensos de Epicuro, são os textos remanescentes que legaram à história da filosofia a imagem de Epicuro como um pensador da ética, dando maior relevância ao ideal de sabedoria propagado ao longo dos séculos. Mas sabemos que não se pode pensar a ética epicurista desvinculada da *physiología*, que é o fundamento onto-epistemológico do seu pensamento. A *physiología*, a gnoseologia e a psicologia epicurista produziram um olhar diferente sobre a realidade, isto é, sobre a *phýsis*. Suas proposições evitaram os arautos da sobrenaturalidade, criticaram as crenças vãs disseminadas entre a multidão incauta, contribuíram para eliminar os temores, as angústias e os tormentos, exatamente por afirmarem a possibilidade de compreensão da natureza e dos seus fenômenos, que se refletiram na liberdade de pensar e na prática de vida filosófica epicurista. Nas suas cartas, Epicuro exorta os seus amigos distantes a se exercitarem continuamente na filosofia. Ele traça com suas palavras um conjunto de atitudes a ser praticado para uma boa realização da vida. Seus ensinamentos têm um sentido prático evidente e universal. Ele esculpe um *sophós-phronéon* (sábio) como modelo de conduta possível e justificado pela prática da *physiología*, que afasta o filósofo da multidão insensata e das opiniões vazias disseminadas entre eles. Como podemos ler neste trecho final da Carta a Heródoto:

*Disso decorre a necessidade de estarmos atentos aos sentimentos e sensações presentes, sejam eles da humanidade em geral ou peculiares aos indivíduos, e em cada caso a evidência imediata de acordo com um dos critérios da verdade. Aplicando atentamente esta doutrina, determinaremos corretamente as origens da perturbação e do temor e nos livraremos deles. Investigando as causas dos fenômenos celestes e de todos os outros que se apresentam sempre, causa dos mais terríveis temores para o resto da humanidade. Eis*

*então, Herodotos, os elementos fundamentais da doutrina sobre a natureza do universo, em forma resumida. Assim, se esta exposição for memorizada cuidadosamente e produzir efeito, creio que qualquer pessoa, seja ela quem for, embora não penetre em todos os detalhes mínimos, conquistará uma segurança incomparavelmente forte em comparação com o resto da humanidade. Com efeito, por si mesma ela esclarecerá muitos pontos particulares por mim tratados exaustivamente no sistema completo da minha doutrina, e esses mesmos elementos, uma vez fixados na memória, jamais cessarão de ajudá-la. É tal a natureza deste resumo que aqueles que em medida suficiente ou completa já possuem conhecimentos especiais, analisando-os à luz dessas noções elementares, poderão realizar o maior número possível de investigações sobre a natureza inteira; por outro lado, aqueles que ainda não tenham atingido a condição de estudiosos maduros, com base nesses elementos e sem a palavra viva do mestre, poderão recapitular com a rapidez do pensamento as doutrinas mais importantes para a serenidade da alma.<sup>14</sup>*

Além da *Carta a Heródoto*, sobre a *physiología*, Epicuro escreveu duas outras cartas que foram preservadas por Diógenes Laércio, a saber: *Carta a Pítocles* (sobre os fenômenos celestes) e *Carta a Menecceu* (sobre o que escolher e o que evitar). Particularmente nesta última Epicuro exorta os seus amigos a filosofarem nestes termos citados a seguir:

*Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora de ser feliz ainda não chegou ou já passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir. Devemos então meditar sobre tudo que possa proporcionar a felicidade para que, se a temos, tenhamos tudo, e se não a temos, façamos tudo para tê-la.<sup>15</sup>*

Esse trecho introdutório da *Carta a Menecceu* mostra o sentido paidêutico e esclarecedor da linguagem utilizada por Epicuro, bem como evidencia a necessidade de filosofar sempre. Outro fato curioso, que merece ser destacado, é o tipo de saudação utilizado por Epicuro nessas três cartas. Geralmente os tradutores em diversas línguas traduzem o termo *kháiren*

<sup>14</sup> D. L., X, 82, 83.

<sup>15</sup> D. L., X, 122.

por “saudações!”, contudo a tradução mais correta e literal seria “goza!”, ou “regozija-te”. Tendo elegido o prazer (*hedoné*) como princípio e fim da vida feliz, ou como sumo bem, Epicuro exortava seus amigos a gozarem a vida, a buscarem o equilíbrio de uma vida simples como exercício do prazer. Por outro lado, alertava para evitarem satisfazerem desejos não naturais e desnecessários, por implicarem enganos que favorecem a dor e o sofrimento. Daí ter sido qualificado de hedonista, o que não está errado, porém é preciso entender em que sentido Epicuro definiu o prazer como bem, isto é, a que tipo de prazer ele se refere. A *Carta a Menecceu* oferece esta explicação.

## 2.2 – Sobre o estilo de Epicuro

Como foi dito acima, o interesse de Epicuro em escrever cartas nas quais expõe sob a forma de pequeno resumo (*mikrè epitomè*) as questões fundamentais do seu pensamento é o de oferecer aos seus amigos um quadro sinóptico, um agregado de explicações, seja sobre a *phýsis*, seja sobre o modo de vida, que sirva de guia para aqueles já familiarizados com o seu pensamento, ao mesmo tempo em que possa ser usado para iniciar os neófitos. Partindo dos textos concisos, os iniciantes na prática filosófica começam a se distanciar da multidão insensata quando eliminam as opiniões vazias (*kenai dóxai*) que cultivavam por ignorância (*áгноia*). Neste sentido, a filosofia tem o poder de contagiar os jovens e os maduros que conseguem compreendê-la graças à linguagem simples, clara e direta em que é expressa.

O propósito maior é eliminar os temores e as fantasias que são efeitos das crenças e opiniões vazias, propagadas entre os ignorantes. A filosofia é, pois, um constante exercício de busca de esclarecimento. É uma decisão de pensar que os fenômenos naturais podem ser explicados, ainda que naquele momento não estejam ainda esclarecidos. É preferível confiar na possibilidade de uma futura explicação do que ceder às causas sobrenaturais.

Também do ponto de vista do agir em sociedade, Epicuro orienta os seus amigos a seguirem outra prática de vida, isto é, evitar o supérfluo, base dos valores cultivados pelos muitos insensatos. A sabedoria consiste na realização de um modelo de vida simples, sem opulência, onde se busca a todo instante eliminar os desejos que não são nem naturais, nem necessários.

Na impossibilidade de transformar a sociedade como um todo, Epicuro orienta para o cultivo das relações interpessoais, relações mo-

leculares, praticadas no interior de pequenos corpos sociais, pequenos agregados humanos ligados pela *philia* (amizade) e pela *aphéleia* (conveniência mútua). As relações interpessoais dependem da escolha de cada um dos indivíduos, neste sentido elas evitam a dependência dos acordos que nunca se cumprem e torna injusta e sofrida a vida no âmbito dos sistemas políticos fadados ao fracasso.

Pensar a vida em seu exercício no presente é o que define a prática filosófica epicurista. Tendo em vista a época em que Epicuro viveu e as condições políticas de Atenas tomada pela disputa entre os generais macedônios depois da morte de Alexandre, justifica-se a recusa em participar da vida pública e a prática de vida comunitária, fora dos muros da cidade. As cartas enviadas aos amigos de outras cidades visam manter os epicuristas reunidos em outras comunidades, uma prática que perdurou até o século II d. C. As palavras são afetuosas e estimulam a amizade como prática de vida dos pequenos grupos, que se distanciam da prática política pelo exercício ético da filosofia.

### 2.3 – O epistolário epicurista

Além das três cartas conservadas no livro X da obra de Diógenes Laércio, foram descobertos diversos fragmentos do epistolário epicurista. Infelizmente todos incompletos e com inúmeras emendas, recuperados na pesquisa sobre os Papiros Herculaneses da biblioteca de Filodemo<sup>16</sup>. Muitos são os traços que identificam o estilo de Epicuro em cada fragmento, mas nenhum tão marcante quanto a amabilidade com que Epicuro se dirige aos amigos. Vê-se claramente o sentido da orientação e do cuidado que tinha com a formação dos alunos. As palavras mesmo grafadas e ditas à distância podem produzir efeitos transformadores na alma dos destinatários. Questões podem ser esclarecidas e assim se pode purgar os temores e enfrentar com naturalidade diversos tipos de problemas, tais como doenças, solidão e até saudade. Interessa, sobretudo, perceber as relações interpessoais exemplificadas na maneira como Epicuro mantinha a amizade como motor dessas relações. Em cada fragmento analisado pode-se vislumbrar verdadeiras demonstrações de afeto e solidariedade. Estes fragmentos evidenciam

<sup>16</sup> FILODEMO. *Agli amici di scuola*. Napoli: Bibliopolis, 1988.

a intenção de manter os amigos distantes unidos pelas cartas, sempre em torno da filosofia como prática da *philia* e da *o $\phi$ béleia*. É importante notar que quase três séculos depois da morte de Epicuro, Filodemo e outros epicuristas que frequentavam a Vila dos Papiros, em Herculanium no sul da Itália, continuaram a escrever cartas para outros epicuristas de diversos lugares, divulgando as palavras de Epicuro e transmitindo as orientações presentes nas *Cartas*, *Máximas* e *Sentenças*, além da vasta obra ainda preservada naquela época. De fato, até o segundo século da era cristã, as comunidades epicuristas mantiveram-se fortes e cultivaram um estilo de vida e de divulgação do saber legado por Epicuro.

Para se ter uma ideia dos fragmentos de cartas encontrados em vários rolos dos papiros, cito os destinatários:

1. A Ateneu;
2. A Anaxarco;
3. A Apellen;
4. A Aristobolo;
5. A Heródoto (outra carta);
6. A Temista;
7. A Idomeneu;
8. A Colote;
9. A Leonteo;
10. A Leôncio;
11. À Mãe (de Epicuro);
12. A Metrodoro;
13. A Mitre;
14. A Polieno;
15. A Pítocles (outra carta);
16. A Timocrate;
17. Aos amigos de Lâmpsaco;
18. Aos amigos (não identificados);
19. Aos filósofos de Mítilene (Carta sobre as ocupações);
20. Cartas a destinatários incertos (trata-se de 15 fragmentos de cartas dos quais não foi possível identificar os destinatários).

Acredito que Epicuro tenha influenciado diversos filósofos na antiguidade, mesmo os que defendiam outras concepções, como os estoicos, por exemplo, que têm como um expoente Sêneca, que usou as cartas e as sentenças como meio de divulgação do seu pensamento.

#### RESUMO

Este estudo apresenta o estilo gráfico de Epicuro que se encontra nas *Cartas*, *Máximas* e *Sentenças*. Ele visa compreender a questão da memória, do exercício da filosofia e da amizade presentes nos textos remanescentes do filósofo do jardim.

Palavras-chave: Epicuro. Epistolografia. *Máximas* e *Sentenças*.

#### RESUME

Cet étude présente le style graphique d'Épicure qu'on peut trouver chez les *Lettres*, *Maximes* et *Sentences*. Il cherche à comprendre le sujet de la mémoire, de l'exercice de la philosophie et de l'amitié chez les textes du philosophe du jardin.

Mots-clés: Épicure. Épistolographie. *Maximes* et *Sentences*.